

Entre enigma e efração: uma necessária surdez do analista¹

Laurence Kahn²

Tradução: Vanise Dresch³

Quando interrompe seu tratamento sem nem mesmo fornecer a Freud seu aviso prévio, Dora lhe dá uma “bofetada” que serve como lição. Encontramos os vestígios dessa lição em escritos técnicos, e ela determina boa parte das prescrições que guiam, até hoje, nossa escuta e método de interpretação. Essa “bofetada” ensina algo a Freud não somente no que se refere à transferência, mas também ao ritmo e às modalidades da fala do analista. Nessa perspectiva, o tratamento de Dora não somente inaugura a reflexão sobre as fontes endógenas da excitação – com a ideia de que a potência da fantasia pode agir de maneira análoga ao trauma, o que nos aproxima da teoria pulsional que Freud desenvolve em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905) isto é, logo depois. Ela também implica uma reorganização da teoria da transferência tal qual fora apresentada na primeira descoberta.

1 Conferência proferida na Jornada Anual da Constructo Instituição Psicanalítica, nos dias 19 e 20 de agosto de 2022.

2 Laurence Kahn, psicanalista, membro efetivo e analista didata da Associação Psicanalítica da França, antropóloga da Grécia arcaica.

3 Mantivemos aqui todas as indicações de referências e bibliografia conforme estavam no *original* (N. da T:)

A bofetada se torna literalmente a insígnia dessa reorganização quando, um pouco mais de um ano após a interrupção do tratamento, Dora volta a consultar Freud com uma nevralgia facial que a faz sofrer há quinze dias. Equivalente a uma autopunição, marca do remorso sentido pela bofetada outrora dada no Sr. K., esta bofetada demonstra, escreve Freud, estar em relação direta com a transferência da vingança: Dora havia lido no jornal, quinze dias antes, *uma notícia importante* sobre ele (trata-se, provavelmente, do fato de que ele havia sido, enfim, nomeado professor). *Uma* transferência da vingança que se tornou *a* transferência.

No caso do tratamento de Dora, verifica-se que não se trata da reprodução de estados psíquicos anteriores sob a forma de *cópias*, de *reimpressões* – *as transferências* procedem de uma espécie de *sublimação* que lhes permitiria se tornarem conscientes (Freud, 1905, p. 295). O uso, inédito, do singular por Freud – e remeto aqui ao trabalho de Michel Neyraut – demonstra que *a transferência* é doravante concebida em seu caráter maciço, com atribuição em bloco do lugar de Sr. K. a Freud (M. Neyraut, 1974, pp. 123-154) A amplitude da descoberta foi significativa. Ela implicou, subsequentemente, a dimensão de realização libidinal do *Agieren* transferencial, realização anterior a qualquer tradução dos conteúdos reproduzidos. *Sie agierte*, ela atuava, escreve Freud sobre Dora, que ela atuava uma parte essencial de suas lembranças e fantasias, em vez de reproduzi-las no tratamento (Freud, 1905 [1901], p. 74) [ressalto que *reproduzieren* significa, aqui, assim como em “O esboço” (Freud 1940 [1938]), a reprodução representativa, e não a repetição. É assim que Freud descreve a interrupção, enquanto não havia percebido a dimensão do ódio e da decepção.

Não obstante, retomemos a história, que é também uma história contratransferencial. Freud conduz com ardor o tratamento dessa jovem mulher que vem consultá-lo em outubro de 1900. Nessa época, a recepção

indiferente ou hostil de seus contemporâneos à publicação de “A interpretação dos sonhos” (Freud, 1900) o mergulhou em uma crise interior muito profunda. Aliás, por um erro recorrente, ele adianta, tanto em “A história do movimento analítico” (Freud, 1914) quanto em *Freud por ele mesmo* (Martin Claret, 2004), tratamento de Dora ao colocá-lo um ano antes, no último trimestre de 1899, e situando sua redação no início de 1900, eliminando simultaneamente todo esse “Sturm – und Drang – periode” (Freud, 1900).

Um ano depois, em janeiro de 1901, ele abandona parcialmente a redação de “A psicopatologia da vida cotidiana” (Freud, 1901) para redigir a história do caso em um momento de grande excitação, conforme demonstra o que ele escreve a Fliess: trata-se da coisa mais sutil que ele escreveu até agora e que vai produzir um efeito ainda mais decepcionante do que de costume. De fato, o lugar essencial atribuído às forças sexuais, na encruzilhada do sonho, da fantasia e do sintoma, lhe permite, dessa vez, entender a raiz comum de todos os atos psíquicos inconscientes: todos eles são realizações alucinatórias de desejo. O essencial desse texto não reside somente na descrição minuciosa das lacunas teóricas que esse tratamento lhe permite preencher, logo após “A interpretação dos sonhos” (Freud, 1900), mas também na longa enumeração daquilo que ele deveria ter feito e não fez.

De fato, Dora atuou porque Freud simultaneamente avança em um ritmo muito acelerado e pensa ter todo o tempo do mundo, não se dando conta de que a vivacidade das lembranças da jovem é precisamente destinada a confundi-lo. Começando pelo fato de que a própria clareza do material o satisfaz. E Dora não se equivocou quanto a isso, colocando à disposição de Freud prontamente uma parte do material patogênico, enquanto realiza a preparação da ruptura com uma outra parte desse mesmo material. Ela satisfaz tanto Freud que sua atenção desviada passa

por cima (*überhört*) dos primeiros sinais de alerta. Capturado pelo vivo interesse das conexões inconscientes, ele relaciona as chamadas do amor pelo Senhor K à regressão em direção à organização infantil. Ele associa masturbação, enurese e sucção. Por fim, ele traz à tona a decisão inconscientemente comandada pelo amor edípiano de fuga em direção ao pai. Dora satisfaz Freud com a vivacidade alucinada de suas memórias, cuja clareza suscita nele já havia ressaltado, entretanto, em “Estudos sobre a histeria” (Freud, 1893-1895, p. 84-88), fazendo da forma visual a emboscada de uma impaciência contrária à elaboração e ao desgaste da lembrança. Mas em Dora, Freud chama as coisas pelos seus nomes, compreendendo aquilo que há de mais fervoroso na felação, no incêndio do amor, na defloração e no parto. E, assim, Dora rompe. Ela vai embora, pois, seduzida por Freud, não quer ser abandonada como a governanta de Senhor K.

O que Freud designa como seu erro se deve, certamente, a sua percepção de que Dora lhe atribui o lugar do pai, mas o que ele não viu é que, secretamente, ela lhe atribui, também, o lugar de Senhor K. Essa é a outra parte do material patogênico que deteriorou a passagem ao ato da ruptura. Esse material emerge, entretanto, no primeiro sonho, conforme postulado por Freud – sonho no qual ela adverte a si mesma para não abandonar o tratamento como outrora abandonara a casa de Senhor K. Freud deu-se conta de que ele mesmo deveria ter advertido, referindo à interpretação que não fez e deveria ter feito, a interpretação dessa transferência do Senhor K. sobre ele: “Você notou alguma coisa que lhe fez pensar em más intenções semelhantes às do Sr. K., de maneira direta ou sublimada, ou você se sentiu atingida por algo em mim, ou você escutou falar de mim coisas que forçaram essa sua inclinação, como outrora com Sr. K.?” (Freud, 1905 [1901]). Se ele tivesse comunicado essa interpretação da transferência, um detalhe referente ao diálogo dos dois teria, então, aparecido, acrescenta Freud, o que teria resultado em

algo análogo, mas incomparavelmente mais importante, a respeito do Senhor K. Contudo, ele não questionou este “X”, o traço desconhecido que fazia com que Dora o associasse ao Senhor K. Daí a prescrição técnica postulada por Freud: “Quando as transferências se deixam abarcar precocemente na análise, o curso desta é opacificado e retardado, mas sua existência fica mais assegurada contra as resistências repentinas e insuperáveis.” (Freud, 1905 [1901], p. 283).

Aí reside o segundo componente da descoberta: como tratar a espera, a impaciência, a decepção? Como tratá-las para fazê-las emergir, mas de modo que não afundem o tratamento? É no fio condutor dessa questão que Freud retorna ao segundo sonho – sonho no qual:

Dora caminha em uma cidade que desconhece, entra em uma casa na qual mora, vai ao seu quarto e encontra ali uma carta de sua mãe anunciando a morte de seu pai. Posteriormente, ela vai à estação: pergunta diversas vezes onde é a estação. A resposta é sempre: cinco minutos. Em seguida, ela vê diante de si uma densa floresta, a qual adentra, e pergunta a um homem que ali encontra. Ele diz: ainda mais duas horas e meia (o que Dora corrige, em seguida, como duas horas). Ele propõe acompanhá-la. (Freud, 1905 [1901])

Nesse sonho, Freud logo reconhece o desejo de vingança de Dora, pois a carta do sonho está associada à carta de adeus que ela tinha escrito aos pais, uma carta destinada a aterrorizar o pai e se vingar de sua relação com a Senhora K. Entretanto, Freud dá seguimento à análise do sonho relacionando-o aos dados pertencentes à cena do lago, que se encerra com a bofetada que Dora dá no Senhor K. quando ele se declara. A fim de não mais encontrá-lo, ela havia decidido fazer, a pé, a volta do lago e perguntou a um homem quanto tempo seria necessário para fazê-lo. O homem respondeu: duas horas e meia; ela abandonou seu plano e

retornou ao barco onde se encontrava o Sr. K. Sim, ela diz a Freud, a floresta do sonho é absolutamente semelhante à das margens do lago, na qual ocorreu a cena. Contudo, ela viu, no dia anterior, exatamente a mesma floresta densa em um quadro da exposição da “Secessão”. No fundo do quadro, viam-se ninfas.

Disse Freud que naquele momento sua suspeita se tornou uma certeza. Certamente devido ao significativo estação (*Bahnhof*) que serve às relações (*Verkehr*) e que substitui os órgãos genitais, mas sobretudo devido a *vestíbulo*: esse significativo (*Vorhof*), composto de maneira análoga a *Bahnhof* e a *Friedhof* (o cemitério) é também um termo anatômico que designa uma região dos órgãos genitais femininos, da mesma maneira que as ninfas. Estação, cemitério, vestíbulo e floresta convergem, então, em uma série associativa que o conduz à fantasia inconsciente da defloração. Depois disso, Freud interpreta a claudicação⁴ recente de uma apendicite, que aparece nove meses após a cena do lago, como a realização de uma fantasia de parto – essa fantasia lhe aparece como o seguimento feliz de uma realização inconsciente do amor sempre intenso pelo Sr. K.

Tudo isso, portanto, Freud vê logo. Contudo, ele reconhece somente *a posteriori* o valor de ameaça das duas horas do sonho, que correspondem, na verdade, às duas horas de trabalho que ainda lhes restam. Da mesma forma, ele não reconhece a recriminação de Dora, no final dessa sessão

4 Eu estava a ponto de abandonar essa pista quando a própria Dora veio em meu auxílio, trazendo seu último adendo ao sonho: “ela se via com singular nitidez subindo as escadas, depois da apendicite, tivera dificuldade em caminhar, pois arrastava o pé direito. Isso persistira por muito tempo [...] Eu podia agora arriscar uma conjectura. É assim que se anda quando se torce o pé. Portanto, ela dera um “passo em falso” e era perfeitamente correto que desse à luz nove meses depois da cena junto ao lago.” (EDITORA IMAGO) p. 27, 1905, 1901, v. 7

– isto é, que o tratamento estava durando muito tempo e que ela não tinha paciência para esperar tanto. Ele atribui a irritação da jovem mulher à pressa de ver o Sr. K. se libertar e casar com ela. A figura da Madona (que aparecia nas associações do sonho), escreve Freud mais tarde, era uma contrarrepresentação, contrainvestindo o ódio vingativo que aflorava ligeiramente na entonação desdenhosa de Dora para dar vazão à sua amargura.

Introduzi minhas proposições com essa sequência, pois ela me parece colocar de maneira clara a seguinte questão: como esperar tanto tempo sem interpretar? E falo, aqui, da capacidade de espera do analista. Como suportar não ver, quando precisamente temos o sentimento de decifrar de maneira clara? Nesse caso, se o “beijo do fumante” parece ser a representação que se desenrola na cena da análise de Dora, como tolerar que seja na sala que o fogo rebente⁵? E que leve tempo para que o incêndio se manifeste? Não me refiro, portanto, à transferência como vivência imediatamente perceptível, decifrável, semantizável. Considero a transferência sob o aspecto desse *Agieren* que se apodera em ato da situação, enquanto os protagonistas estão ocupados olhando para a representação que se oferece sob a forma de cena (Freud, 1915, p. 202). Em outras palavras, refiro-me a esse aspecto essencial da transferência que não é *dito*, mas que *faz*, que não é *declarado*, mas que *faz uso do dizer* para repetir as ações censuradas, encontrar em ato as satisfações proibidas, reproduzir as mais dolorosas experiências com o intuito de ligá-las. Não é no terreno dessas divergências entre aquilo que nos é dito e aquilo que nos é feito que a disparidade entre a inscrição inconsciente e sua expressão manifesta assume o mais significativo relevo?

5 Cf. a respeito do primeiro sonho, o odor de fumaça sentido ao acordar e a proposição de Freud de que “não há fumaça sem fogo”.

Dadas as circunstâncias – retomo –, como esperar sem se deixar levar pela sedução de um material que se oferece em abundância no primeiro tempo da transferência positiva? Ou, ainda, como tolerar a espera, se não for contando com aquilo que será obstáculo à transparência, ao engano que nos faz acreditar que a compreensão está ao alcance da mão e que compreender e perlaborar seriam a mesma coisa? Pois o que escapa a Freud é a maneira pela qual, de forma contratransferencial, sua compreensão clara da transferência paterna funciona conjuntamente, para ele, como contrainvestimento dos efeitos da hostilidade de Dora. O leitor compreende, aliás, como, no próprio cerne da amplitude da descoberta, o mais pessoal percurso de Freud – seu desejo de que *sonho e histeria* lhe permitam dar um grande passo à frente – o conduz, na verdade, pelo caminho de sua própria satisfação alucinatória, que gera um trabalho do pensamento que, simultaneamente, *desorienta* o trabalho de seu pensamento. Em suma, ele não consegue compreender o fato de que a carta do sonho, que anunciava a morte do pai, era, na verdade, endereçada diretamente a ele. É o seu próprio desaparecimento que lhe é anunciado em sonho. Apenas o desprezo de Dora pelo trabalho realizado deixou infiltrar o futuro assassinato do tratamento.

Essa questão referente à espera está relacionada aos problemas suscitados pela interpretação selvagem, notadamente quando uma clara compreensão se propõe de maneira muito tentadora nas consultas preliminares. A súbita clareza que repentinamente ilumina alguns dos primeiros encontros não seria o produto do contrainvestimento por parte do analista de todas as opacidades que o perturbam e que provêm de formas que se infiltram no discurso do paciente: formas não elucidáveis e contra as quais, sem nem ao menos sabê-lo, o analista luta? Esse contrainvestimento toma muitas vezes, aliás, o caminho da historicidade. Ele pode vir a conduzir o analista a organizar sua escuta em torno de uma narrativa cujos acontecimentos são preferencialmente materiais, o que acentua,

assim, o papel dos traumatismos em detrimento do enigma da organização libidinal do paciente. Para que o paciente consiga se fazer compreender, e que o analista consiga ouvi-lo, é necessário que tenham, ambos, passado pela experiência da repetição e pelo labirinto dos desvios transferenciais, a fim de desligar pormenorizadamente as amarras pulsionais inconscientes de satisfações que não se soltam – e isso vale também para o analista.

Entretanto, dentre as reivindicações pulsionais, tanto objetivos quanto narcísicas, do analista, não se faria necessário contar com aquilo que Winnicott examina quando se questiona *sobre a interpretação inteligente?* A tolerância do analista a se deixar levar por aquilo que não consegue identificar, e numa medida da qual ele não tem ciência, depende, na realidade, do substrato constituído pelas formas pessoais de seu modo de ligação da excitação. Utilizo o termo *forma* porque a ligação é organizada em formas as quais chamamos justamente de *fantasias*, sejam elas inconscientes ou pré-conscientes, e é exatamente por essa brecha que a contratransferência inconsciente do analista pode se infiltrar, sem o seu conhecimento: nos casos em que seus modos de ligação sustentam silenciosamente sua tolerância e inventividade, mas igualmente nos casos em que suas “inclinações” pessoais podem irromper.

A aptidão para aceitar o informe – utilizando os termos de Winnicott – ou então a resistência a deixá-lo advir ultrapassam amplamente as fronteiras atribuídas à *contratransferência*. Ela implica a capacidade de “continuar a ser” no caos – ou seja, a possibilidade de sustentar o ininteligível. O analista pode ser levado a contrainvestir essa posição, o que conduzirá, eventualmente, a uma interpretação inteligente. Todavia, esta é primeiramente destinada a satisfazer a inclinação narcísica do analista, fazendo deslizar para a vertente da semantização a tensão solitária da escuta, a descarga que ela proporciona ao satisfazer as inclinações pessoais do analista.

Aliás, uma prova disso é o papel que Freud confere a uma representação de espera. Certamente, ela pode ser um auxílio para o paciente no evento da emergência do material inconsciente. Contudo, como deixar de pensar que essa ajuda vale também para o analista que, graças a ela, encontra matéria para ligar temporariamente a excitação produzida pela situação transferencial? Conforme mencionado anteriormente, tal circunstância é igualmente exemplificada pela crítica da análise selvagem cuja interpretação vem rápido demais e, sobretudo, longe demais daquilo que o paciente é capaz de assimilar de sua própria “situação de estrangeiro”. Isso é também refletido, por fim, nas páginas do “Esboço” (Freud, 1938) sobre o *kairos*, sobre o momento propício para uma interpretação que soube esperar a circunstância favorável, retendo a precipitação.

Ademais, vale lembrar que, em “Análise terminável e interminável” (Freud, 1937), Freud aconselha o analista a retomar regularmente um trabalho analítico pessoal. Contudo, essa recomendação vem após a comparação entre o esforço para compreensão por parte do analista e o efeito de raios X realizados sem precaução. Esse efeito faz parte dos “perigos da análise”: o perigo despertado nele pelas exigências pulsionais daquele que se ocupa constantemente de tudo aquilo que, na alma humana, é recalcado e procura se libertar.

Daí advém a arrasadora aprendizagem: a pulsão de saber é sexual, e os caminhos pelos quais o analista pode ser seduzido são tão diversos quanto aqueles pelos quais se propaga sua própria excitação que busca a descarga. Se o ganho incalculável da análise de Dora – ao lermos detalhadamente o relato do tratamento do Homem dos Ratos, assim como o diário desse mesmo tratamento, fazemos a mesma constatação – diz respeito ao entendimento da ação do recalque e, designadamente, às formas do retorno, do lado do paciente, daquilo que escapa à representação e à rememoração, deve-se reconhecer que o ganho técnico

desses tratamentos se aplica, também, ao regime da interpretação do próprio analista.

Certamente, sempre podemos nos interrogar sobre cada nuance do domínio da contratransferência. Contudo, confere-se sempre o fato de que dar forma àquilo que fora afastado de toda e qualquer forma perceptível – trata-se da definição *princeps* da retirada do recalque – supõe a mais íntima relação do analista consigo mesmo. O que seria dessa relação se o analista não fosse profundamente afetado pela sexualização da fala do paciente? É isso que, de acordo com Freud, significa *contratransferência* quando ele aborda tal conceito, pela primeira vez, em “As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica” (Freud, 1910). Contratransferência designa, então, o produto dos efeitos da fala do paciente na “sensibilidade inconsciente do analista” (Freud, 1910, p. 67). Tais efeitos revelam o quanto, no tratamento, a linguagem é simultaneamente o território da sexualização e da dessexualização. Assim, se o *Agieren*, consubstancial à ação perlocutória da fala em análise, constitui o discurso do paciente tanto como *discurso* quanto como *fazer*, o pensamento do analista se revelará, em parte, o derivado desse *fazer*. O problema reside, portanto, nos caminhos que permitirão a desaceleração e a descarga.

Em *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica* (mencionado anteriormente), Freud esclarece o que entende por “uma representação de espera” (Freud, 1910), no exato momento em que introduz, pela primeira vez, a noção de contratransferência. Anteriormente, como ele explica aos ouvintes do Congresso de Nuremberg, a técnica psicanalítica consistia em pressionar, apressar sem trégua – esse *drängen* exercido pelo analista se opondo ao *Verdrängung*, ao recalque, do qual sofre o paciente. Ao passo que agora o tratamento é feito de duas partes: o que o analista intui e diz ao paciente, e a elaboração por parte do paciente

daquilo que ouviu. Essa nova maneira de prestar ajuda, prossegue ele, consiste em fornecer ao paciente uma representação de espera consciente “cuja similaridade com a ideia inconsciente recalçada faz com que ele a encontre, em si mesmo” (Freud, 1910, p. 64).

Nesse texto, assim como em todas as vezes que Freud contempla o papel da representação de espera, ela é concebida como um processo que facilita a superação das resistências (Freud, 1909, pp. 92-93). E ela é sempre associada ao ganho proporcionado pelo método da associação livre: mesmo se “o analista está preparado devido à experiência para aquilo que está por vir”, ele “nada introduz a partir de sua própria espera”, nem “expectativas intencionais” e tampouco “inclinações” pessoais” (Freud, 1912, pp. 145-146).

É aproximadamente nos mesmos termos que ele evoca a representação de espera (sem nomeá-la) em “Construções em análise” 6 (Freud, 1937). Trinta anos antes, ele havia descrito da mesma forma a lenta construção das fantasias infantis na análise de Hans: uma construção que passa pelo uso do poder ambíguo da palavra, com sua reserva de duplo sentido. Refiro-me, em particular, à construção da palavra “pesado” (cavalos e carros com cargas pesadas), à construção de “cair de cabeça”, àquela do freio em relação com a impressão visual da barba do pai, ou então àquela da furadeira (o *Bohrer* através do qual Freud articula as duas fontes

6 Início do segundo capítulo de *Construções em análise*: Todo analista sabe que as coisas acontecem de modo diferente no tratamento analítico e que aí ambos os tipos de trabalho são executados lado a lado, um deles sempre um pouco à frente e o outro a segui-lo. O analista completa um fragmento da construção e o comunica ao sujeito da análise, de maneira a que possa agir sobre ele; constrói então um outro fragmento a partir do novo material que sobre ele se derrama, lida com este da mesma maneira e prossegue, desse modo alternado, até o fim.” (*Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939), p. 168, Editora Imago)

linguísticas comuns *geborenen* e *gebohrt*, “nascido” e “furado”). Construções que ocorrem em vaivém entre a representação de espera, aquilo que ela mobiliza como novas representações (as quais são representações de compromisso) e a elucidação de um novo pequeno fragmento. Pois tal é a função da representação de espera: permitir aproximar-se do núcleo recalçado graças a uma forma aproximativa, o que reativa a tensão entre emergência do inconsciente e resistência. Nesse processo de lento desligamento, desdobram-se gradualmente os compromissos defensivos, forjados no *après-coup* dos recalques sucessivos aos quais sucumbiram a masturbação de Hans, o desejo assassino para com o pai, o desejo de possuir a mãe etc.

Não obstante, uma questão é inevitável: o que nos diz a representação de espera a respeito da espera do analista? Uma coisa é certa: ela se encontra no centro do desafio econômico da interpretação, pois é ali que se ajusta a parte consciente da dosagem realizada pelo analista. Entretanto, quando Freud argumenta com o “Homem dos ratos”, com o intuito de introduzir na consciência os complexos recalçados, ou seja, “de atizar a controvérsia a respeito dos complexos recalçados no terreno da atividade psíquica consciente” (Freud, 1909 p.157-160), ele não estaria admitindo de maneira clara que não se trata, aqui, da representação de espera, mas antes de um arranjo difícil em relação à própria espera? O que ele acaba por confessar, aliás, duas páginas depois, criticando a impotência de tais argumentos.

Parece-me que as representações de espera permitem ao analista esperar sem fazer um uso precipitado da interpretação, o que o levaria a esquadriinhar imediatamente o espaço da relação sobrecarregando-a de significações, correndo o risco de bloquear a irrupção do desconhecido. Por outro lado, se o analista consegue não a utilizar como representações-meta, se ele as concebe não como o meio de traduzir o que é apresentado,

mas como desvios necessários à maior abertura possível da rede das associações (as suas próprias e as do paciente), elas poderão, então, ser utilizadas a serviço do surgimento do inesperado. Digamos que se a espera excita (no sentido de um preenchimento esperado, o que Freud afirma desde “Sobre a psicoterapia” (Freud, 1905 [1904]), as representações de espera reduzem a excitação. É nesse sentido que elas auxiliam o analista a fundamentar sua escuta em outras bases, remobilizando sua atenção.

A espera é sempre uma espera libidinal, constituída por condições que cada indivíduo estabelece para amar, bem como por metas pulsionais de sua satisfação. Nesse dispositivo, uma parte é consciente e corresponde àquilo que o sujeito sabe que procura, enquanto outra parte permanece inconsciente ou limitada à fantasia. De modo que, prossegue Freud em “A dinâmica da transferência” (Freud, 1912) um investimento é mantido à espera, em busca do objeto por meio do qual o dispositivo libidinal será satisfeito. Dessa forma, o analista pode se tornar esse novo objeto, através do qual o paciente poderá satisfazer inconscientemente seu próprio dispositivo pulsional.

Entretanto, o que vale para o paciente vale, também, para o analista, se considerarmos que o investimento do analista à espera é carregado de uma massa pulsional que foi, em parte, perlaborada durante seu próprio tratamento, enquanto outra parte, mantida inconsciente, fará uso de todos os recursos. Daí advém o peso da ameaça sugestiva que, em toda a obra freudiana, recai sobre as páginas dedicadas à representação de espera – a começar por aquelas referentes ao tratamento de Hans. Freud se preocupa com o fato de que possam criticar esse tratamento, levando em consideração que ele se desenrolou sob influência. Que o analista seja o pai, e que acima do próprio pai esteja Freud, poderá fazer com que pensem que a criança não foi escutada, muito menos ouvida, mas que essa dupla paterna recordou as teorias sexuais infantis da psicanálise no lugar de Hans.

Entretanto, para além da virulência do debate acerca do valor da psicanálise e do preço da sugestão (sobre a qual não quero me estender hoje), podemos nos perguntar se o exercício da autoridade, aqui suspeitado, não tem a função determinante de intervir na relação incestuosa que estaria pronta para imiscuir-se na relação entre os protagonistas desse tratamento. É o que Freud argumenta quando escreve:

“Só porque a autoridade de um pai e a de um médico se uniam numa só pessoa, e porque nela se combinava o carinho afetivo com o interesse científico, é que se pôde, neste único exemplo, aplicar o método em uma utilização para a qual ele próprio não se teria prestado, fossem as coisas diferentes.” (Freud, 1909, pp. 89-90, 93-94).

O que poderíamos compreender disso senão que a ternura e a autoridade devem, de uma maneira ou de outra, conseguir formar uma aliança para que o analista e criança não se vejam tomados pela curiosidade mais intensa e pelas palavras sexuais, no mais fervoroso exercício recíproco da sedução e da confusão de línguas? E o que compreender senão que, em todo tratamento, o manejo da transferência, entre enigma e efração, deve sempre encontrar a margem de sua surdez para neutralizar o transtorno pulsional que ameaça o face a face?

Falo de transtorno pulsional porque, tanto em nossa prática pessoal quanto em nossas leituras, encontramos exemplos que nos indicam os efeitos não somente de intrusão, mas de “recalque redobrado” que isso pode induzir. Forneço, aqui, um exemplo extraído da 31ª sessão de *A psicanálise de uma criança* (trata-se da análise de Richard, tratamento que ocorre durante a Segunda Guerra Mundial, Melanie Klein sendo uma imigrante em Londres desde 1924) [cito a passagem na íntegra]:

Richard perguntou à Sra. K. se seu neto falava inglês ou austríaco. Sra. K. lembrou-lhe que ele já havia feito tal pergunta. Suas respostas, ao que tudo indica, não o tinham tranquilizado. Ele desconfiava do filho e do neto de Sra. K., assim como dos bebês hostis, ‘estrangeiros’, e do pai estrangeiro que se encontrava no interior de sua mãe. Quanto mais desconfiava, mais desejava agredi-los. Além disso, ele não conseguia descobrir mais nada sobre eles. Sra. K. examinou com ele [Richard] o 21º desenho e sugeriu que, se o bebê-estrela do mar estava perto da planta, era porque ele era voraz e, portanto, perigoso para a mãe; contudo, o bebê voraz representava muitas vezes o próprio Richard; Richard se sentia, então, muito culpado. Logo de início, Richard se recusou a olhar o desenho, mas, após ter ouvido as interpretações de Sra. K., interessou-se mais. Ele admitiu que a Sra. K. tinha razão, e, olhando para ela com um ar de súplica, quase com lágrimas nos olhos [*nota Melanie Klein*], ele perguntou se ela queria fazer algo por ele. Sra. K. lhe perguntou o que ele gostaria que ela fizesse. Não sabendo visivelmente o que queria [*nas palavras de Melanie Klein*], Richard reflete e, depois, pede amavelmente que ela pinte e acabe o desenho em seu lugar. (Melanie Klein, 1932 p.145)

“Fazer alguma coisa por ele” é, claramente, uma frase com duplo sentido. Por um lado, Richard deseja que Melanie Klein lhe dê “alguma coisa”, um objeto edipicamente investido. Por outro lado, com as mesmas palavras, ele pede que ela faça alguma coisa para que ele não seja mais tão mau. Richard está, de fato, convencido de que é perigoso, voraz e mau, mas Melanie Klein não ouve o pavor de Richard de ser tão destrutivo. Ela lhe pergunta, então, o que ele gostaria que ela fizesse. Richard, fazendo pleno uso do recalque do analista (que não consegue perlaborar sua própria excitação interpretativa), propõe uma solução de recalque

a dois: “por favor, acabe e pinte o desenho para mim”.

Esse breve fragmento me parece exemplar do montante de excitação que um tratamento mobiliza, não somente quando se trata do tratamento de uma criança, tampouco somente por nos confrontar com o pressuposto kleiniano de que o símbolo nos colocaria em contato direto com o inconsciente. Ora, o contato direto é insustentável. Não obstante, quando ele se apresenta subitamente à revelia de ambos os parceiros da situação analítica – ali onde o desejo edipiano assume a totalidade do peso superegoico conferido à fala interpretativa – ele não é ouvido. Ou melhor, *ele não pode ser ouvido*.

Para que o analista e o paciente consigam construir a trama⁷ do *Agieren* da transferência, para que chegue o tempo da representação da fantasia⁸, um primeiro tempo é necessário, no qual a incerteza do destino deve persistir. Isso supõe um equilíbrio complicado: sistemas de ligação da excitação demasiadamente sólidos formarão um paraexcitação excessivamente impermeável, mas ligações insuficientes provocarão o sobreinvestimento narcísico da situação. Nos dois casos citados, o funcionamento neurótico do recalque do analista, mesmo sendo definitivamente um obstáculo, não desempenharia um papel *retardador* necessário à própria economia da interpretação?

7 Em francês, *scénariser* significa construir uma trama ou narrativa com sujeito, objeto e um verbo que os relacione numa cena (N. da T.).

8 Sur l'énonciation dans l'acte de langage de l'action contenue dans l'acte inconscient, cf. D. Widlöcher, *Métapsychologie du sens*, Paris, PUF, 1986, en particulier ch. IV et VII, et *Les nouvelles cartes de la psychanalyse*, Paris, éd. O. Jacob, p. 97-174 (à propos de l'enracinement de ce travail interprétatif dans la co-pensée).